

Tradução condensada da Apresentação de Joseph Buttigieg para o Seminário Estudos de Gramsci – Para a construção de uma IGS – Brasil

Rio de Janeiro, 27 – 29 de maio de 2015 – UFRJ

Nota: O texto original de Buttigieg em inglês contém 9 páginas e 20 parágrafos. A condensação abaixo sumariza ou traduz todos seus parágrafos. Os parágrafos estão numerados (#1, #2, #3, etc.) para facilitar o cotejamento com o original.

Por que Gramsci hoje?

[#1.] A **International Gramsci Society** foi fundada em 28 de outubro de 1989, no último dia da Convenção Internacional de Estudos Gramscianos, devotada ao tema “Gramsci no Mundo”, realizada em Fórmia, na Itália. Os eventos dramáticos que estavam transformando o mapa político europeu, as novas avaliações que se faziam sobre o legado do pensamento de Gramsci e a presença de renomados intelectuais contribuíram para formar a extraordinária atmosfera que tomou conta da Convenção. O grande paradoxo, no contexto da Convenção, era que enquanto um grupo internacional de estudiosos se reunia para celebrar o pensamento de Gramsci, o socialismo estava em retirada em toda a parte e o marxismo se deslocava para as mais distantes margens do discurso político e cultural.

[#2.] Há exatos quase seis meses da data da Convenção, estudantes das mais importantes universidades chinesas iniciaram seus protestos em Beijing. Pouco depois, esses protestos foram esmagados. Isso, entretanto, não calou, na verdade intensificou, a luta pela democracia em outras partes do mundo.

[#3.] Na mesma época da Convenção em Fórmia, os regimes do Leste europeu entraram em colapso e uma reunião entre Reagan e Gorbachev assinalou o final da Guerra Fria.

[#4.] Nesse meio tempo, a relação entre socialismo e democracia já era objeto de debates há algum tempo, especialmente na América Latina e na Europa. Foi nesse contexto que Gramsci ganhou proeminência, especialmente pelo caráter antidogmático e democrático de seu pensamento.

[#5.] A genealogia da presença de Gramsci na América Latina data dos anos 1950, quando um grupo de jovens comunistas argentinos, liderados por Héctor Agosti, traduziu a edição temática dos **Cadernos do cárcere**. Alguns deles, como José Aricó e Juan Carlos Portantiero, mais tarde, editaram a importante revista **Pasado y Presente**, com forte afinidade com o pensamento gramsciano.

[#6.] Os gramscianos latino-americanos lutavam contra regimes ditatoriais e, ao mesmo tempo, enfrentavam o dogmatismo intransigente que controlava os partidos comunistas da região.

[#7.] Uma das figuras mais proeminentes da história da fortuna da obra gramsciana na América Latina foi Carlos Nelson Coutinho, que além de tornar os escritos de Gramsci acessíveis ao público, elaborou uma conceituação radical da questão democrática baseada nos **Cadernos do Cárcere**. Em Fórmia, Carlos Nelson salientou o caráter ocidental da sociedade brasileira e a importância de se traçar uma estratégia democrática para o socialismo no Brasil.

[#8, 9 e 10.] A forte influência de Gramsci na América Latina foi vista com alarme pelos Estados Unidos, onde diversos jornalistas e intelectuais de direita, alguns ligados ao Departamento de Estado, publicaram trabalhos e artigos no sentido de fazer frente à nova estratégia gramsciana de expansão comunista na região.

[#11.] Por outro lado, as concepções gramscianas foram integradas em teorias políticas pós-estruturalistas e pós-marxistas, como no livro de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, **Hegemony and Socialist Theory**, de 1985.

[#12.] Em 1987, Aldo Schiavone, na época diretor da **Fundação Instituto Gramsci**, declarava que não havia mais traços da política de Gramsci na política mais geral do **PCI**. Entretanto, um dos pontos altos da Convenção de Fórmia foi a apresentação da **Bibliografia Gramsciana**, organizada por John Cammett. Mesmo ainda não muito abrangente, ela apresentava 6.000 itens em mais de 25 línguas. Para muitos italianos esses números devem ter representado uma grande surpresa na medida em que, ali, a fortuna gramsciana estava em seu momento mais baixo.

[#13.] Desde Fórmia e da fundação da **IGS**, há mais de 25 anos atrás, a **Bibliografia Gramsciana** mais que triplicou. Sua mais recente versão, disponível para pesquisa na **Fundação Instituto Gramsci**, contém mais de 19.000 itens. O número de teses de doutorado, conferências, seminários, palestras e cursos universitários dedicados ao estudo de Gramsci, em todo o mundo, tem se multiplicado desde então. A publicação de edições rigorosas, de natureza filológica e crítica, dos escritos de Gramsci em diversas línguas, notadamente as edições francesa, alemã e brasileira, levada a cabo por Carlos Nelson Coutinho e seus colaboradores, dos **Cadernos do cárcere** tem tornado possível uma melhor apreciação da riqueza e complexidade de seu legado. A **Edizione Nazionale**, atualmente em estágio avançado de andamento na Itália vem demonstrando imenso valor. Outra iniciativa também de grande valor, liderada por Guido Liguori, é o **Dizionario gramsciano**, de 2009.

[#14.] A obra de Gramsci tem todas as características de uma obra clássica, de acordo com os parâmetros definidos por Italo Calvino, em seu ensaio **Por que ler os clássicos?**. Segundo Calvino, um clássico “é um livro que nunca termina de dizer o que tem a dizer”.

Contudo, em finais da década de 1980, muitos intelectuais, como Schiavone, queriam definir Gramsci como um clássico no sentido de embalsamá-lo e confiná-lo ao mausoléu da história. Mas, como notou Eric Hobsbawm, Gramsci

... sobreviveu à conjuntura que lhe deu proeminência internacional. Sobreviveu ao próprio movimento comunista europeu. Ele demonstrou sua independência das modas ideológicas (...). Sobreviveu ao enclausuramento dos guetos acadêmicos, que parecem ser o destino de muitos outros pensadores do “marxismo ocidental”. Ele, inclusive, conseguiu evitar se tornar um “ismo” (em David Forgacs, **The Antonio Gramsci Reader**,13).

[#15.] Hobsbawm assinala, contudo, que a frequente recorrência a Gramsci está longe de representar familiaridade ou entendimento de seu pensamento. Timothy Brennan, em **Wars of Position**, lamentou que

Quase todos textos pós-coloniais, nas últimas duas décadas, aceitam e se remetem à autoridade de Gramsci, mas poucos mergulham em seus escritos, seja indo além, seja aprendendo com ele em um novo sentido (...). Nesses círculos, as teses de Gramsci, seus estilos de pensamento ou seus pontos de partida são ainda assimilados em segunda mão. É difícil encontrar um trabalho no campo dos estudos pós-coloniais que *não* cite Gramsci, mas, normalmente, há pouco empenho em expor seu trabalho propriamente dito (234).

[#16.] Há, certamente, um grande número de estudiosos e críticos que estudam cuidadosamente Gramsci. Inevitavelmente, dadas as complexidades e, ao mesmo tempo, o alcance enciclopédico dos **Cadernos do cárcere**, eles geraram interpretações e abordagens significativamente distintas entre si sobre o pensamento de Gramsci. Não há consenso sobre o que é mais importante nele, ou por que e como lê-lo. Para alguns, seu pensamento lança luz somente sobre a situação anterior à Segunda Guerra Mundial. Richard Bellamy, por exemplo, critica os que aplicam suas ideias a eventos e movimentos que ele nem conheceu nem antecipou.

[#17.] Estranhamente, essa abordagem ignora uma das mais importantes características dos **Cadernos do cárcere**, na qual a análise abrangente e sistemática de pensadores e eventos passados, ao mesmo tempo em que os desvelam com rigorosa atenção a suas especificidades históricas e particularidades, produz valiosos insights sobre o presente. Suas notas sobre Maquiavel são uma demonstração clara nesse sentido.

[#18.] A relevância ou a importância de Gramsci para o presente não podem ser avaliadas através da aplicação direta de seus conceitos a fenômenos contemporâneos. Como colocou Stuart Hall, vividamente, “não podemos desintegrar esse ‘sardo’ de sua formação política específica e única, integrá-lo novamente através de um feixe de energia no final do século XX e pedir-lhe que resolva nossos problemas por nós; especialmente porque a grande potência de seu pensamento foi a recusa desse tipo de generalização fácil, de uma conjuntura, nação ou época para outras” (**Hard Road**, 16). Os conceitos gramscianos não podem ser transferidos imediatamente, eles implicam, sim, em cuidadosa tradução – no sentido amplo do

termo. Exemplos nessa direção podem ser encontrados nos escritos de José Aricó e Carlos Nelson Coutinho, assim como no trabalho da **IGS-Itália** e de muitos membros da **IGS**.

[#19.] Isso não é, de modo algum, uma tarefa fácil. Ela tem que ser levada a cabo de maneira contínua em diferentes contextos históricos e geográficos. Os problemas mais urgentes que enfrentamos hoje são distintos daqueles do tempo de Gramsci e mesmo da época de fundação da **IGS**, em 1989.

[#20.] A tradição de estudos gramscianos no Brasil é extremamente rica e os brasileiros desempenharam um papel vital na fundação e no crescimento da **IGS**. A convenção da **IGS** do Rio de Janeiro, em 2001, foi um dos marcos mais memoráveis e frutíferos na história do pensamento de Gramsci em todo o mundo. A fundação da **IGS-Brasil**, além de levar adiante a admirável tradição dos estudos gramscianos e contribuir para o fortalecimento da sociedade civil no País, irá ampliar a rede de membros da **IGS**, expandir ainda mais seus horizontes e animá-la com novas perspectivas e insights.

(trad. e condensação de Ricardo Salles)